



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LEONARDO MATIAS BENIGNO

A ATUAÇÃO DO(A) PSICÓLOGO(A) ESCOLAR FRENTE AO *BULLYING*

ICÓ – CE
2023

LEONARDO MATIAS BENIGNO

A ATUAÇÃO DO(A) PSICÓLOGO(A) ESCOLAR FRENTE AO *BULLYING*

Artigo científico submetido à disciplina de TCC II, do Curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Thamires Pereira Alves

LEONARDO MATIAS BENIGNO

A ATUAÇÃO DO(A) PSICÓLOGO(A) ESCOLAR FRENTE AO *BULLYING*

Artigo científico aprovado em 29/11/2023, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado.

BANCA EXAMINADORA:

Thamires Pereira Alves.

Prof.^a Ma. Thamires Pereira Alves

Orientadora



Prof.^a Ma. Meury Gardênia Lima de Araújo

Avaliadora

Thalita Lays Fernandes de Alencar

Prof.^a Dra. Thalita Lays Fernandes de Alencar

Avaliadora

ICÓ – CE

2023

A ATUAÇÃO DO(A) PSICÓLOGO(A) ESCOLAR FRENTE AO *BULLYING*

Leonardo Matias Benigno

RESUMO

A atuação profissional do psicólogo ultrapassa a prática clínica e se insere em outros espaços, a exemplo das instituições de ensino, em virtude da forte relação histórica entre os campos da educação e da psicologia. A sua atuação em muito é requerida para lidar com os diversos fatores que interferem diretamente na aprendizagem dos alunos, a exemplo da violência. O *bullying*, por sua vez, é uma das formas mais frequentes de violência na escola, demandando uma atuação conjunta dos profissionais da educação e da psicologia para lidar com esse fenômeno, que é multifatorial. Assim, este trabalho tem como objetivo compreender a atuação da psicologia na prevenção e no enfrentamento ao *bullying* a partir de uma revisão da literatura. Como objetivos específicos, buscou-se caracterizar o conceito de *bullying* e analisar os fatores que levam a sua ocorrência, compreender o papel do(a) psicólogo(a) escolar na prevenção e na intervenção do *bullying* e discutir as diferentes estratégias de enfrentamento do *bullying* que têm sido propostas e/ou utilizadas pela psicologia escolar nos últimos anos. Para tal, foi realizado um estudo exploratório, com abordagem qualitativa, através de uma revisão integrativa da literatura. As buscas foram realizadas no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e na Literatura Latino-Americana em Ciências de Saúde (LILACS), que são as principais bases de dados científicos de acesso aberto do Brasil e da América Latina. Como critérios de inclusão, foram considerados: artigos publicados em língua portuguesa; disponibilizados na íntegra para a leitura; de acesso aberto e gratuito; que discutem, exclusivamente, o papel do psicólogo escolar no enfrentamento ao *bullying* nas escolas, publicados no período de 2014 a 2023. Inicialmente, foram identificados 309 potenciais estudos, mas após a utilização dos critérios de inclusão e exclusão, apenas 3 estudos compuseram a revisão integrativa, sendo 2 artigos e 1 dissertação. Os resultados apontam um baixo interesse pela temática em discussão e os estudos existentes apontam para a necessidade de melhoria da formação do psicólogo escolar para que consiga lidar com o *bullying* no contexto escolar, cujas estratégias por eles desenvolvidas configuram-se mais como práticas de prevenção mediante palestras com estudantes e professores sobre o *bullying* e suas consequências. Dessa forma, torna-se necessário e urgente o desenvolvimento de estudos que versem sobre esta temática a fim de socializar as experiências que estão sendo desenvolvidas pelos profissionais da psicologia escolar, bem como fundamentar as discussões da área.

Palavras-chave: *bullying*; psicólogo escolar; violência na escola.

ABSTRACT

The psychologist's professional role goes beyond clinical practice and is inserted in other spaces, such as educational institutions, due to the strong historical relationship between the fields of education and psychology. Their actions are largely required to deal with the various factors that directly interfere with student learning, such as violence. Bullying, in turn, is one of the most frequent forms of violence at school, requiring joint action from education and psychology professionals to deal with this phenomenon, which is multifactorial. Therefore, this work aims to understand the role of psychology in preventing and combating bullying based on a literature review. As specific objectives, we sought to characterize the concept of bullying

and analyze the factors that lead to its occurrence, understand the role of the school psychologist in the prevention and intervention of bullying and discuss the different strategies for coping with bullying. that have been proposed and/or used by school psychology in recent years. To this end, an exploratory study was carried out, with a qualitative approach, through an integrative literature review. The searches were carried out in the Periodical Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and in the Latin American Literature in Health Sciences (LILACS), which are the main databases open access scientific studies from Brazil and Latin America. As inclusion criteria, the following were considered: articles published in Portuguese; made available in full for reading; open and free access; that exclusively discuss the role of the school psychologist in combating bullying in schools, published from 2014 to 2023. Initially, 309 potential studies were identified, but after using the inclusion and exclusion criteria, only 3 studies made up the review integrative, with 2 articles and 1 dissertation. The results indicate a low interest in the literature for the topic under discussion and existing studies point to the need to improve the training of school psychologists so that they can deal with bullying in the school context, whose strategies they develop are more of a practice of prevention through talks with students and teachers about bullying and its consequences. Therefore, it becomes necessary and urgent to develop studies that deal with this topic in order to socialize the experiences that are being developed by school psychology professionals, as well as to support discussions in the area.

Keywords: bullying; school psychologist; violence at school.

1 INTRODUÇÃO

A violência na escola tem ganhado destaque nas discussões e nos estudos sobre a educação em virtude do seu aumento tanto nas instituições públicas quanto privadas, além dos seus efeitos para a saúde física e mental da vítima. Dentre as diferentes configurações da violência escolar, o *bullying* é uma das mais recorrentes no espaço escolar, representando um fenômeno multifacetado que possui características específicas tanto quanto à sua persistência quanto à sua intencionalidade (Pereira; Fernandes; Dell’Aglia, 2022).

O *bullying* pode ser entendido como uma forma de violência sistemática que acontece no contexto escolar, em que há intencionalidade do agressor, que tem a pretensão de ofender, machucar ou humilhar a vítima. De acordo com o artigo 3º da lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática, o *bullying* pode se manifestar em diferentes formas, tais como verbal, moral, sexual, social, psicológica, física, material e virtual (*ciberbullying*) (Brasil, 2015).

Representando um fenômeno mundial, o bullying tem se tornado uma prática cada vez mais crescente dentro das escolas brasileiras. Conforme dados da última Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de todas as capitais brasileiras, houve um

aumento no número de alunos que declararam ter sido vítima de *bullying* na escola, indo de 30% em 2009 para 40% em 2019. Destaca-se que, desses alunos, mais da metade afirmou ter muita preocupação com a sua saúde mental em virtude de ser vítima desse tipo de violência (Ibge, 2022). Esses dados reforçam a alta incidência desse tipo de violência nas escolas e a importância de pensar sobre essa questão no espaço escolar.

Diante desse cenário, estudos têm analisado os efeitos do *bullying* para vítimas e ofensores, revelando suas sérias consequências, que podem ser das mais diferentes formas, como físicas, psicológicas, sociais e, inclusive, sua interferência na aprendizagem (Pimentel; Méa; Patias, 2020; Silva, 2022). Desse modo, faz-se importante pensar sobre a participação do psicólogo na intervenção das diferentes formas de violência que tem permeado os espaços escolares.

Embora a lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019, disponha sobre a prestação de serviços de psicólogos e de assistentes sociais na rede pública de Educação Básica (Brasil, 2019), a presença desses profissionais nas escolas ainda é negligenciada, dificultando o combate e a prevenção ao *bullying*. Logo, ainda há muito o que avançar no que diz respeito à inserção desses profissionais nas escolas, uma vez que nem todos os municípios e Estados efetivaram esses profissionais, seja por falta de recursos orçamentários ou por não considerar a importância dos mesmos como um grupo prioritário para as instituições de ensino.

A psicologia escolar é um campo de atuação que permite um leque de possibilidades de atuação aos seus profissionais, não se propondo a lidar apenas com os alunos, mas com toda a comunidade escolar, considerando a organização do processo educativo, trabalhando com gestores, professores, pais, familiares e toda a comunidade que está envolvida no processo aprendizagem (Silva, 2022). Dentre os aspectos considerados na atuação do psicólogo escolar é necessário levar em conta a questão relacional e a violência que tem permeado esse espaço, de modo a perceber que tal fator tem interferido na aprendizagem e na saúde mental dos alunos e demais membros da comunidade escolar.

A partir do que foi apresentado, questiona-se: como o psicólogo escolar pode contribuir com a comunidade escolar quanto ao enfrentamento das práticas de *bullying* presentes na escola? Visando responder a esse questionamento, este estudo teve como objetivo geral compreender a atuação do psicólogo escolar na prevenção e no enfrentamento ao *bullying* a partir de uma revisão de literatura. Para tal, foram propostos os seguintes objetivos específicos: caracterizar o conceito de *bullying* e analisar os fatores que levam a sua ocorrência; compreender o papel do(a) psicólogo(a) escolar na prevenção e na intervenção do *bullying*; e

discutir as diferentes estratégias de enfrentamento do *bullying* que têm sido propostas e/ou utilizadas pela psicologia escolar nos últimos anos.

Diante o exposto, compreende-se a relevância em refletir sobre o papel da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento ao *bullying*, considerando a importância da inserção do psicólogo escolar nas instituições de ensino e suas contribuições para a formação integral dos alunos. Através desta pesquisa, será possível identificar percepções, estratégias e ações relacionadas à temática, o que se constitui como uma ferramenta importante para os agentes que atuam no contexto escolar. Considera-se, portanto, que é fundamental perceber a psicologia como um campo aliado no processo de resolução de problemas e conflitos escolares, uma vez que ainda há muitas lacunas e demandas existentes no contexto educacional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO *BULLYING*

2.1.1 Definição

Bullying é um termo de origem inglesa, mas que se popularizou em todo o mundo para denominar um fenômeno bastante conhecido, mas também muito danoso às vítimas por se tratar da prática proposital e repetitiva de violência contra outras pessoas, geralmente do seu convívio diário. A lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, que visa o combate ao *bullying*, o classifica como uma intimidação sistemática que inclui “todo ato de violência física ou psicológica [...] com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas” (Brasil, 2015, Art. 1º, § 1º). Sendo assim, a prática de *bullying* inclui violência física, verbal ou psicológica, por exemplo, de forma a subjugar a vítima.

Conforme Kimura *et al.* (2022), o *bullying* pode ser definido como um comportamento ofensivo destinado a uma ou mais pessoas com a finalidade de praticar, de forma repetitiva, violência contra essa(s) pessoa(s). O fato de ser uma prática intencional, prolongada e repetitiva torna esse fenômeno distinto dos outros tipos de violência, pois um dos seus objetivos é estabelecer uma relação desequilibrada de poder na qual o(s) agressor(es) quer(em) demonstrar ter mais poder do que a vítima.

Vale salientar, ainda, que as práticas de *bullying* podem ser classificadas como diretas ou indiretas. Nas diretas ocorrem agressões verbais e/ou físicas contra a vítima, sendo práticas

mais facilmente identificadas no ambiente escolar e por parte das famílias das vítimas. As práticas indiretas, por sua vez, consistem na disseminação de situações, muitas vezes falsas, que envolvem a vítima visando a sua desqualificação e a sua humilhação pública para que seja isolada das outras pessoas (Silva *et al.*, 2022). As práticas indiretas podem, inclusive, ser mais danosas à saúde mental das vítimas, que muitas vezes sofrem em silêncio, uma vez que essas práticas são mais difíceis de serem detectadas logo no início pela escola e pela família da vítima, que pode passar a se retrair e se isolar das outras pessoas, gerando traumas que podem, em casos extremos, levar ao suicídio ou ao homicídio contra o(s) seu(s) agressor(es).

Considerando que o *bullying* é um fenômeno complexo, que resulta da combinação de diversos fatores biopsicossociais, é fundamental contar com uma equipe multiprofissional (professores, psicólogos, assistentes sociais, etc.) para lidar com essa prática no espaço escolar, para auxiliar os professores e os gestores escolares, que não deveriam ter que enfrentar sozinhos essa realidade violenta que se faz presente em seu cotidiano, e que impacta diretamente no processo de ensino-aprendizagem (Bitencourt *et al.*, 2021).

2.1.2 Tipos de violência

O *bullying*, por representar um conjunto de intimidação sistemática, contempla diferentes tipos de violência, que podem ser físicas ou não. A lei de combate ao *bullying* (Brasil, 2015) o classifica em oito tipos, como observa-se no Quadro 1.

Quadro 1 – Classificação das ações de *bullying*

Classificação	Exemplos
Verbal	Insultar, xingar e apelidar pejorativamente.
Moral	Difamar, caluniar, disseminar rumores.
Sexual	Assediar, induzir e/ou abusar.
Social	Ignorar, isolar e excluir.
Psicológica	Perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar.
Físico	Socar, chutar, bater.
Material	Furtar, roubar, destruir pertences de outrem.
Virtual	Depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Fonte: Elaborado a partir da lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015 (Brasil, 2015).

A classificação apresentada no Quadro 1 apresenta diferentes tipos de *bullying* que são cometidos dentro e fora do espaço escolar, mas que, igualmente, impactam diretamente a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos alunos. Alguns tipos podem ser mais facilmente identificados por parte da escola e da família dos alunos, a exemplo da violência física e material, que deixam marcas mais perceptíveis. No entanto, estão inclusas também práticas indiretas, a exemplo da verbal, da moral, da social e da virtual, que são mais difíceis de serem identificadas imediatamente pela escola e pelas famílias por deixarem danos psicológicos nas vítimas, nem sempre acompanhados de danos na sua integridade física.

A pluralidade das práticas mostra que nem sempre é fácil identificar sua ocorrência para poder lidar com a questão de forma apropriada, o que contribui para o caráter desafiador que o *bullying* apresenta no contexto escolar.

2.1.3 Agentes envolvidos

Conforme Rocha *et al.* (2019), a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) classificou os agentes envolvidos nas práticas de *bullying* como aluno alvo (aquele que é a vítima da situação, que não costuma reagir à violência que é submetido por medo ou por timidez), aluno alvo/autor (aquele que é vítima de *bullying*, mas que reage à violência praticando igualmente o *bullying* contra o seu agressor, mesmo sabendo dos riscos e das consequências dessa ação), aluno autor (aquele que pratica o *bullying* contra outros alunos de forma constante e sistematizada a fim de causar humilhação, não demonstrando afeição pela vítima nem empatia) e aluno testemunha (aquele que se apresenta neutro diante das situações de violência decorrente do *bullying*, não se mostrando a favor do autor nem do alvo, sobretudo com receio de sofrer retaliações de uma das partes).

Conforme Lopes Neto (2005), os alunos testemunhas podem ser classificados, ainda, como auxiliares (tem participação direta na agressão), incentivadores (estimulam o aluno autor a praticar *bullying*), observadores (observam a ação sem interferir nela) e defensores (buscam intervir na ação para proteger o aluno alvo).

No âmbito escolar, os agressores que praticam o *bullying* costumam possuir características como: ser popular, sentir a necessidade de ser o centro das atenções e de ser notado por toda a escola e geralmente anda em grupo. Por sua vez, os alvos, em geral, são alunos que possuem características físicas ou emocionais que destoam daquelas consideradas

como padrão por parte dos agressores, a exemplo de alunos acima ou abaixo do peso ideal para o seu biotipo, variação da altura, cor da pele, jeito de falar, de andar, de se expressar, dentre outras características que podem ser utilizadas pelos agressores para constranger os alvos (Lopes Neto, 2005).

2.1.4 Consequências

As implicações das práticas de *bullying* para as vítimas podem se apresentar desde a simples recusa em ir para a escola, até a apresentação de sintomas como dores de cabeça, febre, desatenção, medo, ansiedade, entre outros. Sob essas condições, ir à escola torna-se quase um tormento para as vítimas que, quando não tratadas, podem apresentar graves prejuízos à sua saúde mental, podendo, em alguns casos mais graves, levar ao suicídio (Pimentel; Méa; Patias, 2020).

Por ser uma prática mais comum entre crianças que estão perto de entrar na adolescência e entre adolescentes, o *bullying* é ainda mais danoso pelo fato de as vítimas serem indivíduos que ainda estão em período de desenvolvimento e amadurecimento, lidando com diferentes sensações e mudanças em seu corpo e em sua subjetividade (Bitencourt *et al.*, 2021). Por isso, destaca-se a necessidade da presença de profissionais da psicologia no espaço escolar visando contribuir com um desenvolvimento integral dos alunos, aliado ao trabalho educativo que é feito em sala de aula pelos professores.

O *bullying* pode ter consequências, tais como: a ansiedade generalizada na vítima, que pode se manifestar através de preocupações constantes com a escola, relações sociais, a família e a saúde; crises de pânico, que se manifestam por meio de episódios fortes de ansiedade complementado por sintomas físicos e emocionais, sem nenhum motivo evidente, normalmente entre adolescentes no Ensino Médio; podem se manifestar casos de fobia e fobia social, caracterizadas, respectivamente, pelo medo constante e pelo medo de frequentar espaços públicos com outras pessoas; além de, em casos mais graves, depressão e suicídios (Pimentel; Méa; Patias, 2020; Costa *et al.*, 2021).

Diante desse cenário, é importante a realização de medidas para combater as consequências do *bullying* na vítima. Uma vez a violência sofrida, além de afetar o rendimento escolar, pode também impactar até mesmo na fase adulta, devido ao adoecimento mental causado por esse tipo de violência (Gomes, 2022). As medidas devem consistir não apenas em cuidados terapêuticos junto à vítima, mas também contemplar toda a comunidade escolar,

incluindo o agressor, visando o combate à continuidade desse tipo de violência na escola e nos demais espaços da sociedade, pois as suas consequências, como já destacado, podem ser fatais.

As consequências do *bullying* não se restringem apenas às vítimas e ao seu sofrimento, mas também alcançam os agressores. Se essa prática não for combatida, o agressor poderá crescer como um sujeito apático, inseguro, desatento, com dificuldade de manter o foco e solucionar problemas, podendo se tornar um adulto instável, com dificuldades de conviver em sociedade e, sobretudo, com a diversidade de pessoas ao seu redor (Ferreira; Reis; Vianna, 2020).

Todas as consequências do *bullying* são resultado de uma soma de atitudes negativas que prejudicam psicologicamente os sujeitos (vítimas e agressores), fazendo com que se sintam ameaçados e com medo para revelar todo o sofrimento que estão sentindo. Assim, revela-se a importância para que sejam tomadas medidas preventivas e de combate a esse tipo de violência na escola. Neste contexto, o psicólogo escolar pode, de forma significativa, contribuir com melhorias para esse cenário, conforme será discutido na próxima seção.

3.2 A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA ESCOLAR

3.2.1 Caracterização da psicologia escolar

A relação estabelecida entre a psicologia e a educação existe desde que a profissão do psicólogo foi reconhecida, contribuindo com a compreensão sobre a aprendizagem humana, as teorias do conhecimento e o desenvolvimento do indivíduo, considerando os seus reflexos no processo educativo (Maia Filho; Chaves, 2016). Ambos os campos de conhecimento, apoiando-se na pluralidade de suas teorias, têm permitido que olhares sejam lançados sobre o aluno que está em constante processo de aprendizagem, considerando não apenas os fatores psicológicos, mas biológicos e sociais que, igualmente, influenciam nesse processo.

Sobre esses termos, é importante diferenciar duas formas de contribuição. A psicologia educacional que se refere a uma subárea do conhecimento da psicologia que busca produzir saberes relativos ao fenômeno psicológico constituído no processo educativo; e a psicologia escolar que se refere à prática profissional do psicólogo que atua diretamente no contexto escolar, estando esta atuação vinculada à subárea da psicologia educacional (Patto, 2022).

Conforme Pontes Junior e Lepre (2020), essa relação entre psicologia e educação é fortalecida especialmente no século XX mediante a criação, nos cursos de formação de professores, da disciplina de psicologia educacional, cujo objetivo era ensinar aos professores

algumas teorias da psicologia para que pudessem aplicá-las em suas aulas. No entanto, os autores apontam que essas teorias decorriam de saberes oriundos de pesquisas empíricas de laboratório, ou seja, coadunavam com uma lógica patologizante da aprendizagem e do desenvolvimento humano. Logo, esse período foi marcado fortemente pelas influências da psicomетria, da psicanálise e do movimento higienista, que traduziam um pensamento biologicista e medicalizante sobre os alunos.

A partir disso, serviços de atendimento psicológico começaram a ser difundidos no campo da educação. Com a influência do movimento da Escola Nova, foram desenvolvidas ações que buscaram investigar as características individuais dos diferentes alunos para identificar aqueles considerados desajustados, ou seja, que fugiam do “padrão” psicológico estabelecido naquele contexto. A ideia era buscar “ajustar” esses alunos “desajustados” para que, de forma homogênea, se adaptassem à escola e às práticas pedagógicas dos seus professores (Patto, 2022).

Conforme Maluf, Lopes e Oliveira (2022), as ferramentas principais dessa fase eram os instrumentos psicométricos e avaliativos, pois o foco estava nos indivíduos “desviantes” do comportamento “normal”, que eram traduzidos no ambiente educacional como “criança-problema”, “aluno difícil”, “anormais”. O modelo médico de identificação e tratamento de “doenças” da aprendizagem e do ajustamento era a máxima da atuação do período.

O termo psicologia do escolar ganha força nesse momento, mantendo-se o interesse na criança que “não aprendia”. Entretanto, as explicações para as dificuldades de aprendizagem se ampliaram, passando dos fatores biológicos para fatores ambientais e socioeconômicos. Para Alves *et al.* (2021) isso se explica, em parte, pela influência da chamada Teoria da Carência Cultural, nascida nos Estados Unidos na década de 1970. Esta teoria buscava explicar as diferenças individuais de pessoas em situação de pobreza, negras e latinas a partir do fato de serem oriundas de ambientes com baixa estimulação ambiental e cultural. Em outras palavras, a perspectiva biologizante vai perdendo espaços para uma perspectiva biopsicossocial.

Pioneira nos estudos sobre psicologia escolar no Brasil, Patto (2022) entendia que as explicações em torno do fracasso escolar baseadas na concepção do déficit e da diferença cultural precisavam ser revistas e pensadas a partir dos mecanismos escolares produtores das dificuldades de aprendizagem, visto que, muitas vezes, esses impedimentos das crianças pobres à aprendizagem eram mais oriundos de opiniões do senso comum alçadas como verdades científicas inquestionáveis do que da realidade concreta dos estudantes. Assim, o sistema educacional põe em relevo a incompetência do aluno ou a do professor e dificulta a reflexão sobre os condicionantes socioeconômicos e históricos que estão na base de sua constituição

como excludente e precarizada, o que precisa ser compreendido pelo psicólogo escolar em sua atuação profissional.

Os estudos de Patto (2022) contribuíram para a ampliação das contribuições do psicólogo escolar no Brasil visando ajudar a escola a cumprir o seu papel social partindo de sua especificidade, removendo barreiras entre os sujeitos e o conhecimento e a formar cidadãos que se reapropriem de sua capacidade de pensamento crítico. Situa-se o profissional de psicologia escolar como um mediador do processo de construção de condições necessárias para a superação de entraves aos processos de ensino-aprendizagem e desenvolvimento humano no contexto educacional.

Com a democratização e a expansão da educação pública e gratuita, cada vez mais diferentes grupos sociais de alunos têm ingressado nas instituições de ensino, passando a questionar suas estruturas e suas práticas homogeneizadoras (Mantoan; Lanuti, 2022). Dessa forma, a escola passou a se tornar um espaço diverso e plural com diferentes sujeitos e diferentes identidades socioculturais que refletem diretamente nos processos de ensinar e de aprender. Em meio a essa diversidade de alunos, a psicologia escolar assume relevância, pois entende a aprendizagem como um processo dinâmico e um fenômeno complexo, construído socialmente.

A psicologia escolar, assim, contribui para o aperfeiçoamento do processo educacional, de modo a desenvolver a subjetividade dos alunos, também trabalhando com os familiares e docentes. Em tempos de violência nas escolas entre os alunos, a exemplo das práticas de *bullying*, a psicologia escolar é fundamental para a construção de um ambiente escolar harmônico e saudável, onde os alunos têm seus sentimentos, angústias e conflitos trabalhados por um profissional da psicologia, objetivando que estes não interfiram negativamente em sua aprendizagem e formação humana, conforme será discutido a seguir.

3.2.2 O papel do(a) psicólogo(a) escolar no enfrentamento ao *bullying*

Atualmente, sabe-se que as desigualdades existentes na sociedade influenciam diretamente os processos educativos, pois as escolas, por fazerem parte da sociedade, também produzem e reproduzem essas desigualdades em seus espaços, especialmente diante da diversidade de alunos que a compõe. Como resultado desse contexto, os conflitos de diversas naturezas passam a surgir e a fazer parte das escolas, demandando intervenções para que não prejudiquem o direito à aprendizagem dos alunos.

No entanto, essa pode ser uma demanda muito complexa para que professores lidem sozinhos, pois a sua própria formação, na maioria dos casos, não foi pensada para isso. Sendo

assim, o psicólogo escolar pode contribuir com melhorias para essa realidade, pois a sua intervenção irá considerar as dimensões sociais, psicológicas e biológicas que perpassam esses conflitos, ajudando os alunos a se entenderem melhor como seres em desenvolvimento (Mezzalira; Fernandes; Santos, 2021). No caso de situações que envolvem o *bullying*, o papel do psicólogo escolar é necessário, pois os danos gerados por esse tipo de violência podem ser profundos na vítima e desencadear um quadro de adoecimento mental duradouro.

A atuação do psicólogo escolar, ao contrário do que acontecia no passado, não mais ocorre na perspectiva clínica e com uma visão patologizante dos alunos; visto que considera, além das questões biológicas, outros fatores externos que influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Dessa forma, o papel do psicólogo escolar consiste em promover o desenvolvimento escolar do aluno por completo, levando em consideração os fatores externos à escola, pensando na promoção da prevenção de possíveis problemas/conflitos que possam vir a afetar o espaço escolar, a exemplo das práticas de *bullying*.

Por ser um fenômeno complexo, a atuação do psicólogo escolar diante situações de *bullying* demanda um trabalho coletivo junto aos demais profissionais ligados à educação, como os professores e os assistentes sociais. Sua atuação vislumbra uma melhor compreensão das diferentes situações que envolvem os alunos, objetivando identificar as origens dessas práticas e saná-las entre os agressores, assim como trabalhar com as vítimas as consequências que essa violência traz para a sua saúde mental e para a sua aprendizagem escolar (Faraj *et al.*, 2021).

A presença do psicólogo escolar nas instituições de ensino é fundamental para que ele possa contribuir com a identificação de comportamentos conflitantes no espaço escolar capazes de desencadear prejuízos à aprendizagem dos alunos a fim de que a escola permaneça como um ambiente saudável e de paz (Paz; Fraga, 2022). Os entraves identificados pelo psicólogo escolar quanto às práticas de *bullying* precisam ser trabalhados pela escola durante todo o ano letivo e não apenas quando são identificados casos de violência, pois além de intervenções a atuação do psicólogo junto à comunidade escolar se dá na perspectiva da prevenção.

Conforme Gomes (2022, p. 6), a inserção do psicólogo escolar visando o enfrentamento ao *bullying* nas instituições de ensino “é primordial não só para estimular o desenvolvimento cognitivo, mas também promover um desenvolvimento emocional e social dos estudantes e da equipe pedagógica”. A sua atuação consiste em considerar não apenas a dimensão individual dos alunos que são autores e alvos do *bullying*, mas todos os elementos internos e externos às escolas que podem resultar na incitação à violência entre os alunos, identificando, intervindo e prevenindo tais práticas no espaço escolar.

Neste cenário, entende-se que uma das principais demandas das instituições de ensino quanto ao requerimento de psicólogos para atuar em seus espaços é lidar com as demandas socioemocionais dos alunos, pois se compreende seu significativo impacto no processo de ensino-aprendizagem, considerando que um aluno em situação de sofrimento emocional pode ter baixo desempenho escolar e apresentar alterações em seu humor (Paz; Fraga, 2022). Assim, o psicólogo escolar diante de situações que envolvam o *bullying*, buscará alternativas para o enfrentamento e a prevenção dessa violência na escola, promovendo o cuidado com a saúde mental da comunidade escolar de forma interdisciplinar e com uma atuação institucional conjunta, que envolva os múltiplos atores do contexto educativo.

Conforme Patto (2022), apesar da evolução na forma como o psicólogo escolar é visto social e profissionalmente, bem como qual o seu papel na educação, um dos desafios ainda presentes em sua atuação nas escolas é a representação social sobre a sua função. Percebe-se que, ainda, a atuação do psicólogo é vista por membros da comunidade escolar como uma intervenção meramente clínica e que objetiva diagnosticar os comportamentos dos alunos considerados “anormais” e problemáticos, como nos casos que envolvem o *bullying*. Dessa forma, é urgente a necessidade de ressignificar a concepção social no contexto educacional acerca do papel do psicólogo escolar, a fim de desmistificar o imaginário de que esse profissional deve culpabilizar o aluno pelo seu próprio comportamento, em especial aqueles relacionados ao desempenho educacional.

3 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa para a identificação e análise da literatura sobre a atuação do psicólogo escolar no enfrentamento ao *bullying*. Para tal, foi realizada uma revisão integrativa da literatura, que é definida como a construção de uma análise ampla acerca do assunto, contribuindo para as discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos (Gil, 2014). Esse método de pesquisa permite a síntese de estudos publicados e possibilita conclusões gerais a respeito de uma particular área de estudo (Romanowski; Ens, 2006).

Uma revisão integrativa é um método específico que resume o passado da literatura para fornecer uma compreensão mais abrangente de um fenômeno particular, cujo termo integrativa significa a integração de ideias provenientes das pesquisas utilizadas no método (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Conforme Medes, Silveira e Galvão (2008) para a efetivação da revisão integrativa deve-se seguir as seguintes etapas: identificação da questão da pesquisa para reconhecimento dos descritores, que neste estudo foi “Como o psicólogo escolar pode contribuir com a comunidade escolar quanto ao enfrentamento das práticas de *bullying* presentes na escola?”; busca da literatura conforme os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos; categorização dos artigos a partir do instrumento da coleta de dados, que define as informações a serem coletadas dos estudos selecionados¹; avaliação dos estudos pela análise minuciosa dos principais dados que foram sintetizados em tabelas; interpretação dos dados pelas comparações realizadas entre os resultados dos dados coletados de cada artigo; e, por fim, síntese do conhecimento evidenciado em todos os artigos analisados.

Assim, este estudo foi desenvolvido utilizando os descritores “psicologia escolar” AND “*bullying*”, utilizados para a busca pela literatura nas bases de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e na Literatura Latino-Americana em Ciências de Saúde (LILACS), que são as principais bases de dados científicos de acesso aberto do Brasil e da América Latina. Ainda, foi considerada a Biblioteca Brasileira Digital de Teses e Dissertações (BDTD), contemplando teses e dissertações que também tratassem da temática em tela.

Como critérios de inclusão, foram considerados: artigos, teses e dissertações publicados em língua portuguesa; artigos disponibilizados na íntegra para a leitura; artigos de acesso aberto e gratuito; artigos que discutem diretamente a atuação prática da psicologia no enfrentamento ao *bullying*, seja com a proposição ou com a realização de intervenções; artigos publicados no período de 2014 a 2023, representando um recorte mais atual da literatura nos últimos 10 anos. Os estudos que não atenderem a esses critérios, assim como aqueles duplicados nas bases de dados, foram descartados.

Para a análise e apresentação dos dados foi realizada a síntese das fontes, onde o material analítico foi apresentado em figuras e quadros como forma de sumarizar os resultados obtidos. A partir disso, os dados evidenciados nos materiais analisados foram discutidos e interpretados à luz da literatura especializada sobre a temática proposta, conforme veremos na seção seguinte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

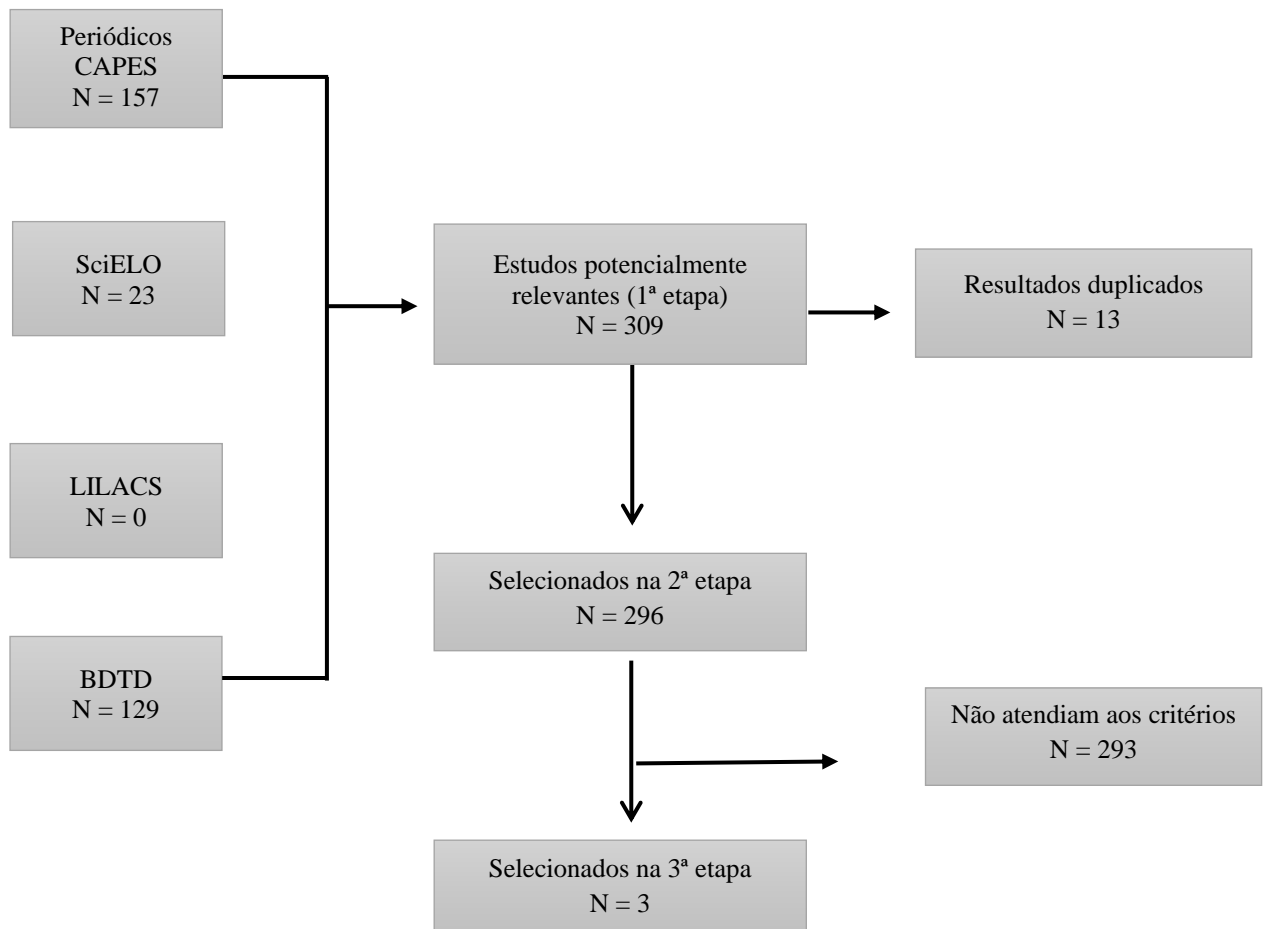
As buscas nas bases de dados nos Periódicos CAPES, SciELO, LILACS e BDTD resultaram, inicialmente, em 309 estudos publicados nos últimos 10 anos (2014-2023) que

¹ Em virtude da baixa quantidade de estudos encontrados nesta revisão integrativa, optou-se pela não utilização de categorias na análise destes.

apresentavam, seja no título, nas palavras-chave ou no resumo os descritores “psicologia escolar” e/ou “*bullying*”. Contudo, 13 foram excluídos por aparecerem duplicados nas bases de dados, restando 296 estudos que foram submetidos à segunda etapa da revisão integrativa, que consistiu na leitura dos títulos e dos resumos dos estudos.

Na segunda etapa, após a leitura dos títulos e dos resumos, observou-se que a maioria dos estudos tratavam do *bullying* no contexto escolar, mas sem fazer referência à psicologia escolar. Assim, foram descartados os estudos que buscaram discutir o fenômeno em questão a partir dos olhares dos estudantes e professores da Educação Básica ou da Educação Superior, assim como das famílias dos estudantes, mas que não dialogavam com a psicologia escolar. A aplicação deste critério de inclusão permitiu filtrar entre os estudos selecionados aqueles que de fato se mostravam apropriados aos objetivos dessa revisão integrativa, totalizando 3 estudos, sendo 2 artigos e 1 dissertação de mestrado, conforme ilustrado na Figura 1. Dos três estudos selecionados para a revisão integrativa, um estava indexado no Portal de Periódicos da CAPES, um na SciELO e um na BDTD. Não foram encontrados resultados na LILACS.

Figura 1 – Fluxograma da seleção dos estudos que compuseram a revisão integrativa



Fonte: Autoria própria (2023).

Os três estudos selecionados foram submetidos à uma nova leitura, desta vez na íntegra, a fim de identificar as suas contribuições à discussão sobre o papel da psicologia escolar no enfrentamento ao *bullying*. Detalhes desses estudos, como a autoria, ano de publicação, título, nome do periódico ou área do mestrado, encontram-se descritos no Quadro 2.

Quadro 2 – Estudos selecionados para a revisão integrativa

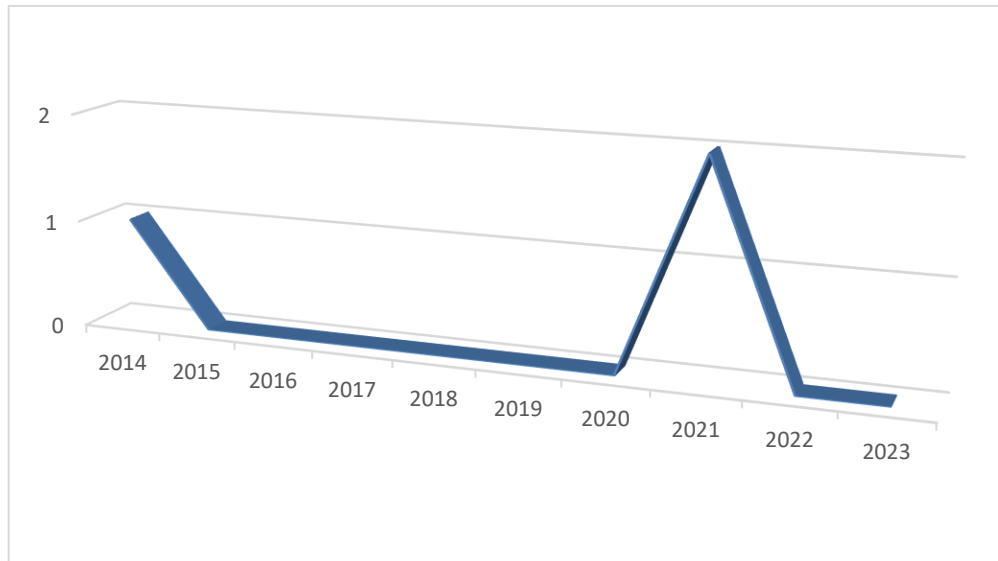
Autoria/Ano	Título	Periódico/Área	Base de dados
Andrade (2014)	Bullying e sua prevenção: concepções e práticas de psicólogos escolares	Mestrado em Psicologia – UFJF	BDTD
Faraj <i>et al.</i> (2021)	Enfrentando o <i>bullying</i> na escola: experiências de intervenções no combate à violência	Aletheia	Periódicos CAPES
Mezzalira, Fernandes e Santos (2021)	Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do <i>bullying</i>	Psicologia Escolar e Educacional	SciELO

Fonte: Autoria própria (2023).

Conforme o Quadro 2, observa-se a baixa produção científica sobre a atuação do psicólogo escolar frente ao *bullying*, mesmo ampliando as buscas para teses e dissertações, em um período de 10 anos. Em outras palavras, dos 309 (100%) potenciais estudos inicialmente selecionados, apenas 3 (0,97%) atendiam aos critérios desta pesquisa, o que equivale a menos de 1% do resultado inicial. Esse dado evidencia a importância da ampliação dos estudos que tratem desta temática, pois o aumento do número de estudantes vítimas de bullying no espaço escolar tem sido cada vez maior (Ibge, 2022), mas as pesquisas, ao que indica o Quadro 1, pouco tem dado atenção para esta questão, mesmo a lei nº 13.935/2019 dispendo sobre a prestação de serviços de psicólogos e de assistentes sociais na rede pública de Educação Básica (Brasil, 2019), o que vai ao encontro da importância da atuação do psicólogo escolar nas referidas instituições de ensino.

Nota-se, a partir da Figura 2, que as publicações estão concentradas nos anos de 2014 e 2021, contendo neste último duas, das três publicações mapeadas, o que reforça a discussão anterior de que, mesmo diante de mecanismos como a lei nº 13.935/2019, que trata da presença de psicólogos nas escolas, essa discussão tem aparecido muito pouco na literatura.

Figura 2 – Distribuição temporal das publicações mapeadas (2014-2023)



Fonte: Autoria própria (2023).

Em sua dissertação de mestrado em Psicologia, Andrade (2014) investigou as percepções e as práticas de doze psicólogos escolares quanto às situações de *bullying* no contexto escolar em Juiz de Fora, cidade de Minas Gerais. Para tal, a autora realizou entrevistas com o referido público, cujos dados foram analisados mediante a análise de conteúdo. Os dados revelaram um baixo conhecimento dos psicólogos escolares quanto à temática do *bullying*, sobretudo adquirido ao longo da graduação, pois a maioria teve que buscar formação continuada no tema. Quanto às práticas desenvolvidas pelos referidos profissionais, o estudo revelou que, assim como o conhecimento dos psicólogos escolares é limitado, as ações também são, não havendo projetos interdisciplinares e de prevenção ao *bullying*.

Ainda em relação ao estudo de Andrade (2014), a autora verificou que os psicólogos escolares que participaram da sua pesquisa atribuem como fonte causadora do *bullying* as famílias dos agressores. Em suma, a autora identificou que os referidos profissionais ainda possuem limitações tanto em nível de formação quanto de atuação profissional, o que dificulta lidarem com o *bullying* no contexto escolar e, conseqüentemente, com as vítimas, especialmente de forma preventiva e envolvendo todos os agentes escolares e não apenas os professores e os estudantes.

Por sua vez, Faraj *et al.* (2021) relatam uma experiência de enfrentamento ao *bullying* desenvolvida em uma escola privada no interior do Rio Grande do Sul, mediante a execução de três projetos com estudantes da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio entre os anos de 2016 e 2018. Os projetos envolveram profissionais de diferentes áreas, como

psicóloga escolar, estudantes de Psicologia, assistente social e orientadoras educacionais a fim de envolver toda a comunidade escolar. As autoras relatam que as atividades oriundas do projeto tinham mais o objetivo de prevenir situações de *bullying*, entendendo que a prevenção é a ação mais coerente para lidar com a complexidade desse tipo de violência na escola. Com base nessa experiência, as autoras apontaram que os estudantes puderam compreender melhor o *bullying*, tanto os aspectos teóricos quanto práticos, adquirindo conhecimentos para distinguir o que é ou não *bullying*.

Ainda sobre o estudo de Faraj *et al.* (2021), as autoras descreveram que foram realizados, durante o período em questão, 27 encontros em sala de aula com os estudantes. Nas turmas de Educação Infantil e 1º e 2º anos do Ensino Fundamental, por exemplo, as ações consistiram na realização de leituras de um livro que tratava sobre *bullying*, seguida, sempre, de uma roda de conversa com as crianças. Já com os estudantes do 3º ao 5º ano os encontros eram realizados com exibição de vídeos, roda de conversa e realização de atividades escolares envolvendo elementos lúdicos. Nas turmas de 6º ao 9º ano o tema foi tratado a partir da utilização de jogos lúdicos contendo perguntas e respostas sobre *bullying*. Em relação aos estudantes do Ensino Médio, a temática foi tratada a partir de narrativas sobre o *bullying* através da produção de redações. Dentre os materiais produzidos pelos estudantes, alguns foram selecionados para compor um livro como produto do projeto.

O terceiro e último trabalho, de autoria de Mezzalira, Fernandes e Santos (2021), também se configura como um relato de experiência, desta vez fruto de uma ação extensionista desenvolvida pelas autoras em uma escola de Ensino Fundamental em Manaus, no Amazonas, tendo como público-alvo os professores. Para tal, a ação de extensão foi organizada em uma oficina com quatro encontros para discutir a temática do *bullying*, o que relevou um baixo conhecimento dos professores sobre o tema e, sobretudo, como lidar com os casos de *bullying* na escola, o que, na concepção das autoras, reforça a necessidade da presença do psicólogo escolar nessas instituições de ensino visando dar um suporte para a comunidade escolar envolvida em situações de violência.

Desse modo, na escola, foram realizadas quatro oficinas estruturadas a partir das seguintes temáticas: Oficina 1: Identificando a concepção de bullying no cotidiano escolar; Oficina 2: O que as pesquisas acadêmicas têm falado sobre o bullying?; Oficina 3: Como combater a dinâmica do bullying em contexto escolar?; Oficina 4: Construindo ações de enfrentamento ao bullying (Mezzalira; Fernandes; Santos, 2021, p. 2).

Mediante os estudos ora apresentados, observa-se a importância da presença do psicólogo escolar nas instituições de ensino, especialmente diante do baixo conhecimento que

os professores apresentam sobre esse fenômeno. Essa é uma discussão importante, pois no que diz respeito ao *bullying*, as pessoas envolvidas no contexto escolar, como os estudantes, professores, gestores e demais funcionários nem sempre sabem como lidar com as diferentes formas de violência que se fazem presente nesse espaço (Gomes, 2022). Dessa forma, o psicólogo escolar poderá contribuir com a construção e a elaboração de projetos voltados para a prevenção e o enfrentamento ao *bullying* junto à própria comunidade escolar, já que se trata de um fenômeno que possui multicausalidade.

Diante do exposto, verifica-se a necessidade de que ações mais efetivas sejam pensadas acerca da atuação do psicólogo escolar no enfrentamento ao *bullying*, indo desde a própria formação acadêmica do psicólogo para que saiba lidar nesses casos nas instituições de ensino, até a criação de políticas públicas voltadas à uma discussão mais efetiva sobre este tema no currículo escolar, de modo que este não seja tratado apenas quando casos de violência acometidos pelo *bullying* ocorram na escola

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste artigo foi possível realizar um mapeamento das pesquisas que abordam a atuação do psicólogo escolar na prevenção e no enfrentamento ao *bullying*. Conforme os dados apresentados na seção 4, percebe-se a incipiência de pesquisas que abordem este tema, em especial que ilustrem ações concretas frente a problemática analisada. Logo, conclui-se a necessidade de ampliar este debate não apenas dentro das escolas e nos cursos de graduação em Psicologia, mas também na investigação científica do fenômeno do *bullying* no campo educacional.

Apesar da baixa produção acadêmica sobre o tema, os três estudos analisados reforçam a importância da inserção do psicólogo escolar nas instituições de ensino. Ambos destacam que a figura apenas do professor é insuficiente para lidar com a complexidade das relações de sociabilidade entre alunos neste ambiente, não sendo este inclusive o seu papel no espaço escolar. Assim, a inserção do psicólogo é fundamental para que todos os agentes escolares (professores, gestores, estudantes, famílias, demais funcionários, etc.) possam receber a devida atenção e o devido suporte sempre que necessário.

Assim sendo, verifica-se que as estratégias utilizadas para lidar com o *bullying* na prática profissional do psicólogo escolar nas instituições de ensino dos estudos analisados centrou-se em projetos que objetivaram promover entre estudantes, professores e demais funcionários conhecimentos sobre o que é o *bullying* e suas consequências. Isto é, as ações relatadas estão

primordialmente no âmbito da prevenção, entretanto reconhecemos que estas precisam ser potencializadas para que esse tipo de violência seja diminuído no espaço escolar.

Deste modo, é importante destacar que os cursos de graduação em Psicologia precisam promover mais discussões em seus currículos sobre o fenômeno do *bullying* no contexto escolar, bem como visar ações para seu enfrentamento, uma vez que a fragilização da formação é um dos fatores apontados de forma negativa na atuação desse profissional em situações de violência.

Isto posto, esta pesquisa buscou compreender e colaborar com a discussão do papel do psicólogo escolar na prevenção e no enfrentamento do *bullying* nas escolas. Considerando a escassez de publicações sobre a temática, propõem-se novos estudos que investiguem e contribuam na construção de estratégias que possam minimizar os episódios do *bullying* no espaço escolar, auxiliando na prevenção e, conseqüentemente, na melhoria no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALVES, P. C. *et al.* A psicologia e o fracasso/queixa escolar: uma análise das produções científicas. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 10, e187101018810, 2021.

ANDRADE, G. C. **Bullying e sua prevenção**: concepções e práticas de psicólogos escolares. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

BITENCOURT, M. R. *et al.* Variáveis envolvidas no gerenciamento de conflitos do tipo bullying em escolas: uma análise da rede bayesiana. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 39, e2019079, 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113935.htm. Acesso em: 10 abr. 2023.

COSTA, F. G. *et al.* Bullying, depressão e representações sociais no contexto escolar. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 16, e369101623617, 2021.

FARAJ, S. P. *et al.* Enfrentando o bullying na escola: experiências de intervenções no combate à violência. **Aletheia**, Canoas, v. 54, n. 2, p. 165-172, 2021.

FERREIRA, T. A. D.; REIS, K. P.; VIANNA, J. A. **Bullying na escola**: a percepção dos seus atores. Curitiba: CRV, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2014.

GOMES, F. V. F. Ações de prevenção ao bullying escolar no ensino fundamental: um relato de experiência em psicologia escolar/educacional. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 15, e240111537162, 2022.

IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Pesquisa nacional de saúde escolar**: análise de indicadores comparáveis dos escolares do 9º ano do ensino fundamental dos municípios das capitais brasileiras 2009/2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101955.pdf>. Acesso em 15 abr. 2023.

KIMURA, K. Y. *et al.* Adultos diante do bullying escolar na série thirteen reasons why: uma análise bioecológica. **Ciências Psicológicas**, Uruguay, v. 16, n. 2, e2713, 2022.

LOPES NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MAIA FILHO, O. N.; CHAVES, H. V. A relação entre psicologia e educação: ofícios entrelaçados. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, Maringá, v. 38, n. 3, p. 309-318, 2016.

MALUF, R. G.; LOPES, J. A. L.; OLIVEIRA, C. R. G. Práticas de avaliação psicológica escolar: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica**, Lisboa, n. 62, p. 185-215, 2022.

MANTOAN, M. T. E.; LANUTI, J. E. O. E. **A escola que queremos para todos**. Curitiba: CRV, 2022.

MEZZALIRA, A. S. C.; FERNANDES, T. G.; SANTOS, C. M. L. Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do bullying. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 25, e237016, 2021.

PATTO, M. H. S. **Produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. 5. ed. São Paulo: Editora da USP, 2022.

PAZ, F. M.; FRAGA, I. M. As contribuições da psicologia escolar no enfrentamento ao bullying. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 34-47, 2022.

PEREIRA, E. A.; FERNANDES, G.; DELL'AGLIO, D. D. O *bullying* escolar na legislação brasileira: uma análise documental. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 48, e249984, 2022.

PIMENTEL, F. O.; MÉA, C. P. D.; PATIAS, N. D. Vítimas de bullying, sintomas depressivos, ansiedade, estresse e ideação suicida em adolescentes. **Acta Colombiana de Psicologia**, Bogotá, v. 23, n. 2, p. 205-216, 2020.

PONTES JUNIOR, C. S.; LEPRE, R. M. Os problemas de aprendizagem e a patologização da educação na atualidade: reflexões a partir da psicologia e da educação. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 17, p. 329-345, 2020.

ROCHA, W. A. R. *et al.* Bullying na escola: enfrentamento na perspectiva do docente. **Revista Psicologia & Saberes**, Maceió, v. 8, n. 11, p. 279-304, 2019.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em Educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

SILVA, J. L. *et al.* Bullying e habilidades sociais de estudantes em transição escolar. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 27, n. 1, p. 17-29, 2022.

SILVA, M. V. R. Consequências do bullying na saúde mental dos adolescentes no contexto escolar: revisão narrativa. **Scientia Generalis**, Patos de Minas, v. 3, n. 1, p. 33-38. 2022.

SILVA, V. R. **A psicologia escolar e educacional**: uma análise da atuação de psicólogas(os) escolares do projeto avanço do jovem na aprendizagem - AJA/MS frente às demandas da violência na escola. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.